

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA

Director honorário:  
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

## O PADRE AMÉRICO

MORREU o Padre Américo, foi a notícia brutal que correu Portugal inteiro num estremecimento trágico, há perto de duas semanas. Todos os corações se contraíram angustiados e milhares de olhos não puderam reter as lágrimas enquanto as almas, baixinho, soluçavam e erguiam a Deus uma prece pedindo fé para suportarem o que lhes parecia uma injustiça. Já não vivia o homem que heróica e abnegadamente servira a causa mais justa e mais sublime porque é lícito lutar, nos revoltos e agitados tempos modernos—A Obra da Rua.

A batalha foi dura e cruel! Travou-a com o egoísmo dos homens afortunados e comodistas! Travou-a com uma sociedade inteira cruel e ignorante, inconsciente e balofa.

Todos o admiravam, muitos o ajudavam, mas deixavam-se ficar quietos e indiferentes ante calamidades pavorosas. Fechavam os olhos quando os quadros de miséria se deparavam no seu caminho. Mas ele, o Padre Américo, numa luta árdua e obscura, desceu aos antros mais miseráveis, levando a todos o conforto duma esmola, dum conselho, duma palavra amiga de resignação.

Os sábios procuram nos laboratórios por meio de experiências fazer descobertas notáveis e benéficas, mas o Padre Américo descobria, nos seus rapazes ignorantes e viciados, espíritos inteligentes, vontades fortes, corações amigos do Bem e da Virtude.

E como um Artista apaixonado da Beleza, ele modelava almas brancas e imperfeitas transformando-as, com as suas palavras, com o seu carinho e com a ajuda de Deus, em caracteres rectos e elevados.

A «Obra dos Rapazes da Rua» é a que mais nos comove pela enormidade do seu alcance social. Quanto rapaz, que nas vielas escuras e tortuosas, chapinhando no lodo envolto de trapos imundos, abria os olhos esgazeados para a vida ignóbil dos imorais. Jovens que iriam crescer nesses meios repelentes, aos baldões, sem casa, sem família, sem amor, sem instrução, sem hábitos de

trabalho, sem Deus, que seriam dentro em breve se o Padre Américo lhes não tivesse estendido a mão e com amor os ajudasse a recomeçar uma nova vida?

O Padre Américo debruçou-se com fervor e afincou sobre um trabalho in-

### Pensamentos da mês

À memória do Padre Américo, figura gigante dum mundo desvoirado, dedico, com toda a humildade, estes singelos pensamentos:

#### I

O Padre Américo morreu. A morte libertou-o para a glória eterna; mas a sua acção, plena de força creadora, levou à criação da rua o pão e o agasalho, o amor e o respeito, cumprindo, em toda a extensão, a verdadeira doutrina do filho de Deus: *A justiça social.*

#### II

Só os homens como o Padre Américo, pela palavra e pela obra, se tornam sublimes e lembrados, porque deixam no mundo o pensamento pela acção, a verdade pela justiça e o resgate total da sua condição no abraço fraternal à criação da rua, perdida nos solavancos da roda da desdita. Sim! Os homens imortalizam-se pelas obras; mas estas ainda imortalizam mais os homens quando elas se radicam e consubstanciam no amor, numa espécie de embriaguez que só encontra satisfação no mais e no melhor. Foi assim a obra do Padre Américo.

Ele não morreu totalmente, porque a morte é a porta de uma nova vida, é, em última análise, o complemento do ser, é a eternização do homem.

E o Padre Américo continua a viver em nós, e hoje a sua lembrança é um poema a encorajar os fracos e a esperar os aflitos.

Um trabalhador

tenso e árduo: dar à sociedade homens úteis, dar à Pátria cidadãos conscientes dos seus deveres, mas formá-los da massa informe e rebelde dos rapazes da rua. Ele amava os seus rapazes como filhos a quem se perdoam as faltas porque se lhes reconhecem qualidades. Esses pequenos vadios, muitas vezes filhos de pais sem consciência e de mães sem vergonha, mereciam-lhe todo o amor e todo o respeito: eles eram maus porque ninguém os amava, eles eram ladrões porque tinham fome, eram preguiçosos e vadios porque ninguém lhes dera hábitos de trabalho e a sua consciência estava embotada pelo contacto com os viciados e inúteis.

O Padre Américo não os obriga a segui-lo ou a trabalharem, ele despertava-lhes o anseio de, pelo seu esforço, se regenerarem e serem homens de bem. Os pequenos vadios sentem alegria imensa em comerem o pão pelo qual tiveram de trabalhar. Por isso os seus Gaiatos jamais o poderão esquecer e choraram-no desesperadamente, quase com revolta, incrédulos e atordoados por tão grande perda.

Ele não fundou apenas uma obra social, deixou também uma doutrina, forte e duradoura, porque o seu alicerce é o Evangelho. Não pregou ideias novas, mas ensinou a pôr em prática as palavras de Jesus e mostrou, ao mundo dos vaidosos e egoístas, o que é a Caridade. Toda a sua vida foi um acto de Amor abnegado. Não é possível resumir em algumas linhas dum jornal a grandeza de uma obra tão variada e profunda. A «Obra dos Rapazes da Rua» o «Património dos Pobres» e o Calvário, ainda no começo—são títulos duma mesma acção—que lutava para conseguir condições humanas de vida, a esses inúmeros desgraçados, que apenas conheciam o mal, a fome, a miséria, a doença e a descrença.

A vida do Padre Américo foi um poema de Luz e do Amor. Enxugou lágrimas de desespero, deu alento e esperança às almas vencidas e deu um rumo honesto aos pequeninos extraviados.

(Continua na página 2)

# Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no próximo mês de AGOSTO os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Rosa Pereira Revedo, Maria de Lourdes Pereira Alves e Maria Celestina S. Pereira.

DIA 2 — Maria Ambrosina Pereira, Adélia Domingues Carvalho, António Fernandes Lopes e Maria do Céu de S. Carvalho.

DIA 3 — Maria Alzira Pereira, António Mateus, Maria dos Prazeres M. Ricardo e Maria Fernanda Pereira P. Azevedo.

DIA 4 — Cândida de Jesus C. Amaral e Augusta Alves de Miranda.

DIA 5 — Graciete da Luz Araújo.

DIA 6 — Alzira da Conceição G. Ferreira.

DIA 7 — Maria Miranda Araújo.

DIA 8 — Maria da Conceição Fernandes e Maria Inês Caleiro.

DIA 9 — Gracinda Simões Araújo, Rosa da Conceição O. Rocha e Maria Deolinda F. Lopes.

DIA 10 — José Júlio da Silva, Emília Figueiredo Mendes, Emília da Assunção da Costa Lima e Maria de Fátima Abreu da Silva.

DIA 12 — António da Silva Miranda e Maria Emília F. Pereira.

DIA 14 — Maria Celeste Pereira.

DIA 15 — Maria de Lourdes F. Passos.

DIA 16 — Maria Emília P. Cardoso e Guilhermina da Conceição G. da Cunha.

DIA 17 — Maria Helena F. Rente.

DIA 18 — Joaquim Gomes de Sá.

DIA 19 — Maria dos Anjos D. P. da Silva.

DIA 20 — Helena Gomes Durães e Maria Emília S. Nogueira.

DIA 21 — Maria José Oliveira da Silva, Leopoldina Barros da C. Oliveira, Fernando da Costa Machado e Lucinda da Silva Ferreira.

DIA 22 — Ernestina Miranda Pereira e Maria de Lourdes A. Figueiredo.

DIA 23 — Manuel Gonçalves Duarte, Maria Isolete P. Miranda e Maria da Conceição P. Miranda.

DIA 24 — Maria do Carmo S. Freitas, Ilídio Eurico Gomes, Mário Oliveira da Rocha, Guilherme Simões e Justina Rodrigues Pereira.

DIA 25 — Célia da Conceição Araújo, Ana da Conceição G. Lima, Marquesa da Silva Gonçalves, Ana Pereira Alves e Maria da Conceição Barbosa Duarte.

DIA 26 — Maria Augusta F. Barbosa.

DIA 27 — Maria Joaquina da Silva A. da Costa.

DIA 28 — Maria Deolinda F. Fernandes.

DIA 29 — Maria da Graça P. Rainha, Maria do Carmo L. Vilar, Madalena Fernandes Ribeiro e Maria da Glória V. Alves.

DIA 30 — Luciana Fache da Costa e Maria Fernanda de Carvalho Araújo.

# Os nossos filhos

AS crianças, em Portugal, nas classes trabalhadoras sobretudo, ocupam um lugar muito secundário na vida da família. Há a preocupação de lhes dar de comer e a preocupação de, o mais depressa possível, lhes dar um emprego. De pouco mais precisam, pensam certos pais e certas mães, porque felizmente muitos há, de entre vós, que encaram este problema de uma maneira diferente.

Faz pena, muitas vezes, ver o abandono de muitos dos vossos filhos e nem sempre é a falta de dinheiro que justifica esse desleixo. Vêm-se pela rua a toda a hora, seja Verão ou Inverno, dezenas de petizes, quase nus, e tão sujinhos que repugna e confrange tal espectáculo.

Esses miúdos quase não têm hábitos de criaturas humanas, pois são criados com o mesmo cuidado, quase que certos animaizinhos domésticos a quem se dá de comer às horas e se recolhe ao fim do dia, para abrigar da inclemência do tempo.

Isto não é novidade nem fantasia, infelizmente, mas é digno de dó. Estas crianças crescem, é certo, porque a Natureza é mãe amiga e em contacto com o ar livre e com o sol, conseguem vencer os inúmeros micróbios de toda a espécie que a todo o momento se infiltram naqueles organismos franzinos.

Estes meninos crescem e desenvolvem-se, sendo até bem saudáveis alguns, aqueles que conseguem triunfar de todos os males que os cercam. Mas a estas crianças falta-lhes quase tudo porque não são os tais animaizinhos a quem, só é preciso, dar comida.

É incompreensível, que muitas mães não tenham a consciência da sua responsabilidade. Parece-lhes mais necessário ganhar dinheiro para satisfazer exigências frívolas dos mais velhos ou vícios dos maridos, do que atender os pequeninos que nada exigem ainda. Estas crianças aprendem bem cedo a defenderem-se dos perigos, mas também aprendem desde pequeninos a servirem-se de todos os meios para conseguir os seus fins. A vida ao abandono não lhes mete medo, pelo contrário atemoriza-os a disciplina, trabalho regrado, a obediência, o esforço intelectual.

Quando chegam à escola não sabem falar com desenvolvimento e dificilmente exprimem numa frase simples uma ideia, a pesar de, na rua terem um vocabulário desenvolvido, quanto a insultos e palavrões.

A culpa ainda é neste caso das mães e dos pais, que moseiam os filhos com as palavrões mais grosseiras, a propósito de tudo e mesmo de nada até. As arrelias da vida e as contrariedades do emprego de tudo são os filhos que aguentam o mau humor e até os nervos desenfreados, pelas discussões violentas.

O espírito de economia ainda muito arredado da maioria das mulheres e dos homens, pois não compreendem quanto ganha, a mãe, em casa.

Ela lava os filhos, lava a roupa e coze-a a tempo, conserva a casa e tudo que nela está, cozinha com governo e reparte com justiça. Ela vigia constantemente os filhos e dá-lhes o carinho e o amparo, bem como a educação.

## Cartas que nos honram

...Snr.

Muito grato me confesso pela gentileza com que V. se dignou aceder ao meu pedido da oferta da interessante publicação que superiormente dirige.

«Boletim Social da TEBE» vem valorizar sobremaneira as colecções desta Sala de Leitura, pois que na verdade se trata dum Boletim gráficamente impecável, com óptima colaboração, e que muito honra o Clube Desportivo da TEBE e a cidade de Barcelos.

Esperando de V. o grande obséquio da continuidade da respectiva remessa, renovo os meus agradecimentos, e tenho a honra de me subscrever com vivos protestos da mais elevada consideração,

De V.

A BEM DA NAÇÃO

O DIRECTOR,

António Vitor Guerra

## João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

; Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas ;

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

«A MUNDIAL»

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

## O Padre Américo

(Continuação da página 1)

A sua morte foi um desgosto profundo para Portugal inteiro que o admirava, e o seu funeral foi um testemunho eloquente de quão sincera era essa admiração.

Milhares de pessoas o acompanharam comovidamente até à sepultura. Ricos e pobres choravam a perda do bondoso sacerdote, e todos se curvaram respeitosamente ante os restos mortais daquele homem tão simples e que deixou uma obra grandiosa, que lhe perpetuará o nome pelo decorrer do tempo.

Todos quantos escutaram os seus apelos, cheios de simplicidade, feitos numa linguagem

## Cartas que nos honram

A carta que com este título inserimos nesta página é da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz.

chã, não poderão esquecer o timbre daquela voz, que conseguia penetrar, directamente, nos corações.

O nome dos que viveram a fazer o Bem, jamais será esquecido, porque os corações gratos sempre o hão-de recordar com preces agradecidas, e o nome do Padre Américo será balbuciado vezes sem conta nesta terra reconhecida — Portugal.

M. L.



Dirigida por José Pires Bigote

## CARTA

Barcelos, 24 de Julho de 1956

...Snr.

Director do «Boletim Social da Tebe»

BARCELOS

...Snr.

É com profundo pesar que venho dar conhecimento a V. que a partir desta data não poderei continuar a colaborar na página desportiva do jornal que V. dirige.

Esta minha atitude baseia-se no facto de alguns barcelenses me terem incompatibilizado com o Desporto desta terra com insultos públicos que revelam bem a sua educação e os seus baixos sentimentos.

Lamentando mais uma vez o sucedido e agradecendo o favor da publicação do comunicado que junto, subscrevo-me,

Atenciosamente

José Pires Bigote

## COMUNICADO

Ao ver-me forçado a abandonar estas colunas, não quero fazê-lo sem dar uma explicação a todos os meus leitores e amigos, se é que os tenho.

Durante anos colaborei neste jornal dirigindo a página desportiva, e como associado e Director colaborei estreitamente com o Desporto barcelense, pois que ao contrário do que alguns «barcelenses» afirmam o Clube Desportivo da TEBE é de Barcelos. Fi-lo desinteressadamente e apenas porque sou Desportista sem ter em vista qualquer agradecimento ou pretender sequer que a modesta acção neste sector fosse notada.

Parece, porém, que a minha dedicação não agradou e porque numa revolta íntima de bairrismo verberei o procedimento inqualificável de alguns «barcelenses» que aplaudem e incitam os Clubes que de fora se deslocam a esta terra por forma a tornar-se notado das pessoas que acompanham os grupos, recorreu-se ao insulto baixo e soez murmurado primeiro e gritado depois em pleno centro da cidade.

Que o desporto barcelense seja pois para os barcelenses porque quanto a mim continuarei como sempre a verberar o procedimento de todos os que demonstrem uma tão grande falta de bairrismo.

Pires Bigote

## CAMPEONATO REGIONAL

### PLACARD

#### 3.ª JORNADA

V. Barcelinhos	0 — Taipas	1
V. Guimarães	10 — Oquei	0
Famalicense	11 — TEBE	5
Vianense	4 — Académico	4

#### 4.ª JORNADA

Taipas	2 — Famalicense	0
Oquei	2 — V. Barcelinhos	3
V. Guimarães	5 — Vianense	0
TEBE	1 — Académico	1

#### 5.ª JORNADA

Académico	3 — Taipas	4
Famalicense	17 — Oquei	0
V. Barcelinhos	4 — V. Guimarães	9
Vianense	5 — TEBE	1

#### 6.ª JORNADA

Taipas	2 — TEBE	1
Oquei	2 — Académico	9
V. Guimarães	2 — Famalicense	3
V. Barcelinhos	2 — Vianense	3

#### 7.ª JORNADA

Vianense	3 — Taipas	1
TEBE	2 — Oquei	1
Académico	0 — V. Guimarães	5
Famalicense	8 — V. Barcelinhos	2

#### 8.ª JORNADA

Taipas	13 — Oquei	1
TEBE	1 — V. Guimarães	2
Académico	7 — V. Barcelinhos	1
Vianense	2 — Famalicense	3

#### Classificação

	J	V	E	D	F-C	P
Famalicense	8	7	-	1	51-19	22
V. Guimarães	8	7	-	1	38-11	22
Taipas	8	5	-	3	25-15	18
Vianense	8	4	1	3	24-22	17
Académico	8	3	2	3	30-22	16
TEBE	8	2	1	5	16-26	13
V. Barceli.	8	1	-	7	13-36	10
Oquei	8	1	-	7	10-59	10

## José Pires Bigote

A Direcção do «Boletim Social da TEBE» lamentando as ocorrências desportivas manifestadas ultimamente e verificando que o seu colaborador José Pires Bigote se desliga completamente do Desporto barcelense vem, publicamente, testemunhar-lhe a muita consideração em que era tido e apreciado nestas colunas.

Porém, como se trata de uma atitude irreprimível, a direcção deste Boletim envidou os melhores esforços no desejo de manter a página desportiva, que o nosso prezado colaborador J. Pires Bigote não quer dirigir. Para o efeito encontrou no colaborador Licínio Valdemar Ferra Esteves o desejo voluntário de querer dirigir a referida página.

A atitude do nosso amigo José Pires Bigote não o impedirá de dar a sua colaboração, noutra sector, deste Boletim.

A Direcção do «Boletim»

## Na Abertura

Não podíamos abrir o nosso trabalho nesta secção, sem deixarmos uma homenagem sincera e merecida, àquele que até aqui a dirigiu. Sem dúvida que Pires Bigote é merecedor dela. Redactor desportivo desde o início deste Boletim, só se afastou, e por poucos meses, para cumprir serviço militar. Não nos alargaremos em pormenores, porque tínhamos que o elogiar e a sua modéstia não o permitiria.

Continuaremos. Não temos «bagagem», para acompanhar a marcha, que esta página tomou até aqui, mas uma certeza fica: tudo o que fizermos será, (pelo menos em intenção), para prestígio do Desporto Barcelense e em especial o Oquei em Patins.

Aos clubes locais, oferecemos estas modestas colunas para tudo o que for «A Bem do Desporto».

W. E.

Este número de 6 páginas, foi visado pela Comissão de Censura

## Apontamentos para uma monografia sobre PINHEL

Por *António Baptista*

### A POESIA NA VOZ DO POVO

#### VOX POPULI, VOX DEI

MONTEIRO DO AMARAL, na Revista Lusitana, publicou algumas quadras significativas, de tanta força expressiva que se torna útil dá-las a conhecer do grande público português.

A gente do povo, a propósito de tudo diz uma quadra:—«Uma sabedoria milenária que passou a herança da trova popular, através dos esquemas—rítmicos tipos que são os provérbios,—estereotipada na língua oral em versos de redondilha, a—tantas vezes chamada—venerável, e impregnados de *nuances* afectivas próprias das nossas atitudes mentais, por mais afinidades que se hajam de reconhecer ao nosso Cancioneiro com os cancioneiros de outros meios étnicos».

#### Cancioneiro

Todo o homem qu' é pimpão,  
E se preza de *aviado*,  
Não pede a filha ao pai  
Sem com ela ter falado.

Eu bem queria, mas não posso  
Teus carinhos esforçar:  
És meu primo, és cadeia,  
Não te posso desprezar.

Ó olhos da minha cara,  
Fazei-me uma caridade:  
Não olheis para ninguém,  
Não é minha vontade.

Eu casei co' uma tendeira  
Não tenho que pôr na tenda:  
Quem tiver um chapéu velho  
Por caridade me venda.

Adeus casa da aula,  
Adeus pena de escrever:  
Adeus, ó linda menina,  
Que já te não torno a ver.

Fui casada, fui solteira,  
Fui viúva, fui donzela:  
Prometeram-me uma rosa  
Não me vou d'aquí sem ela.

Fui a Santarém por terra,  
Por ver os Santos Milagres:  
Nunca vi terra tão santa  
Gente com tanta maldade.

Alegria e tristeza,  
Tudo por mim tem passado:  
Se muito me tenho rido  
Muito mais tenho chorado.

Indo pela rua abaixo  
Pus o pé na falsa pedra:  
Quem é falso, falso fica,  
Quem é firme, não se nega.

Fui ao jardim, deu-me o sono,  
Encostei-me a uma flor:  
Acordei, achei-me presa  
Nos braços do meu amor.

Eu passei à tua porta  
Pela *cantada* do galo:  
Ouvi-te dar um suspiro...  
Quantos terias tu dado!

Indo eu pela rua abaixo  
Bem te vi, não te falei:  
Por via da tua gente  
Bem ao *dísfarço* me dei.

Em Coimbra aconteceu  
Um caso extravagante:  
Uma andorinha fez ninho  
Nas barbas dum estudante.

Passei a ponte de Holanda  
Passei-a numa carreira:  
Julguei que agarrava uma lebre  
Agarrei uma costureira.

Quem me dera agora ver  
Quem m'agora aqui lembrou:  
Amorzinho da minha alma  
Que tão longe de ti estou.

Azeitona *cordovil*  
Deita azeite amarelo:  
Alumia todo o ano  
A Senhora do Castelo.

Azeitona *cordovil*  
Deita azeite claro:  
*Alumeia* todo o ano  
A Senhora do Rosário.

Já te não vale o chorar  
Lágrimas ao pé de mim:  
Bem sabias qu'era homem,  
Não te fiaras em mim.

Rouxinol que tão bem cantas,  
Onde a aprendeste a cantar?  
Nos palácios da rainha,  
Onde o rei vai caçar.

Oh, quem fôra rato, rato,  
Que *ratara* pelo chão:  
*Rataria* as massarocas  
Às meninas do serão.

O rouxinol, quando canta,  
Revolve a pena co'o bico:  
É como os filhos dos clérigos:  
Chamam ao pai senhor tio.

Maria, minha Maria,  
Minha malga de beber;  
Mais de quatro tem inveja  
Deste nosso bem querer.

Vós chamais-me preta, preta,  
Eu sou preta, bem o sei:  
Também a tinta é preta,  
Serve na mesa a el rei.

A luz d'aquela candeia  
Tem mil cravos no morrão:  
Também eu tenho mil penas  
Dentro do meu coração.

Oliveira do pé d'oiro  
Deita *galadas* de prata:  
Menina, dê os seus olhos,  
A quem por eles se mata.

## Piadas com barbas? Talvez!...

### Distraídos e distrações

— Professor, tenho visto o senhor a tarde toda com a mão debaixo do queixo... Está preocupado com a solução de algum problema científico?

— Não; é que me esqueci de pôr a gravata.

— Sou tão distraído, que um dia comi o guardanapo e limpei a boca a um bife.

— Eu também sou muito distraído. Uma noite, ao chegar em casa, despi-me, pus a roupa sobre a cama, pendurei-me no cabide, e só acordei no dia seguinte às 9 horas.

## Concurso de Quadras Populares

Chegamos ao fim deste instrutivo concurso, que interessou bastante gente e que conseguiu atingir o objectivo em vista: pôr à prova a veia poética de alguns concorrentes e demonstrar a eficiência das canetas BIG-BEN, de que é depositária nesta cidade a

### LIVRARIA E PAPELARIA «LIZ»

Das quadras recebidas e referentes à IV e última série, escolhemos duas. Uma, por estar dentro das condições do concurso. Obedece ao mote e não está mal; outra, embora não obedecendo ao mote, portanto, fora das condições, pareceu-nos ser de interesse a sua publicação.

#### Quadra premiada

BIG-BEN sem rival  
É coisa que não confundo  
É uma das melhores canetas  
Conhecida em todo o mundo.

Domingos A. Faria Dantas,  
BARCELOS

#### Quadra fora do concurso

Duma coisa que não tem  
Nunca deve dizer mal  
Que uma caneta BIG-BEN  
No mundo não tem rival

Júlio Fernandes Valverde,  
BRAGA

Tem, portanto, direito a receber o prémio relativo à quadra premiada na IV Série, ou seja uma caneta LIZ-PEN, oferta da

### LIVRARIA E PAPELARIA «LIZ»

o Snr. Domingos A. Faria Dantas, desta cidade.

Para os três grandes prémios, oferecidos pela Casa-fabricante das afamadas canetas «LUXOR», BIG-BEN, LIZ-PEN, etc., e a que concorrerem 55 quadras o júri resolveu atribuir o primeiro prémio, à quadra:

Quer comprar bom e barato?  
Ande, não seja forrêta!  
Compre hoje mesmo, na LIZ  
BIG-BEN, uma caneta.

(a) MARIPOSA = Luisa Eugénia Ferreira

o segundo prémio, à quadra:

BIG-BEN escreve bem  
Já toda a gente o diz  
Se quer uma BIG-BEN  
Vá à Papelaria «LIZ».

(a) Ilídio L. F. Magalhães

e o terceiro prémio, à quadra:

Horas certas, sem falhar  
Dá-nos Londres, não é treta...  
Também compra sem errar  
BIG-BEN uma caneta.

(a) PALADINO = Alfredo L. F. Magalhães

Podem, portanto, os respectivos concorrentes apresentar-se na

### LIVRARIA E PAPELARIA «LIZ»

RUA D. ANTÓNIO BARROSO — BARCELOS

em todos os dias úteis, a fim de receberem os brindes a que tem direito, oferta do seu dinâmico proprietário Snr. José Luís Correia.

A todos os concorrentes, muito obrigado.

# Barcelos e o Desporto

O que se passa em Barcelos, em determinado sector desportivo, é simplesmente inqualificável.

Desde que se enveredou pelo desporto de competição, tem fatalmente de se verificar a rivalidade, pois sem esta qualquer modalidade perde muito do seu brilho.

Mas que essa rivalidade seja dentro do campo desportivo, é admissível, conquanto que se comporte também, dentro das normas da mais elementar correcção, ordem e disciplina.

Porém, o que se verifica é que a rivalidade existente entre os clubes praticantes da modalidade do oquei patinado, vai mais longe: são rivais dentro e fora dos rinquês, preferindo alguns queimar as aspirações dos que vão para a luta viril e esforçada, quantas vezes à custa de um sacrifício que nem todos conhecem, mas mesmo que conhecessem não o compreenderiam.

Para determinados elementos clubistas, só o seu clube existe e quando uma outra agremiação congénere e barcelense, defronta um adversário de fora, preferem aplaudir o «estrangeiro», do que o Clube da sua terra, onde praticam, inclusivamente, amigos seus, a quem se devem favores e a quem ainda há pouco se cumprimentou, bateu nas costas ou se pediu um cigarro.

Francamente, isto não é admissível. Cremos que é a única terra onde tal facto se verifica.

Haja rivalidade, sim, mas que ela seja construtiva, que seja em prol do progresso e desenvolvimento da modalidade e não para a sua desunião e consequentemente para desprestígio do Desporto e da população que o alberga.

Quem estas linhas escreve também já foi desportista e não sendo barcelense, alguma coisa fez em favor do desenvolvimento do desporto patinado nesta cidade. Mas teve de verificar, dentro de pouco tempo que a sua acção e esforço não eram compreendidos, pois os desgostos e críticas que lhe moveram, obrigaram-no a abandonar definitivamente qual-

quer ideia ou mesmo qualquer colaboração no sentido desportivo. Tem-se mantido como espectador silencioso, analisando o que lhe é dado ver.

Mas o que se passou, por exemplo, no domingo dia 22 de Julho passado, no Parque da Cidade de Barcelos, quando se defrontaram as equipas de honra dos Clubes Vitória Sport Clube, de Guimarães e do Grupo Desportivo da TEBE, de Barcelos, tem de ser lamentado e não pode passar em claro sem que alguma coisa fique escrito.

Setenta ou 80 % dos assistentes barcelenses a este encontro, gritaram continuamente pelo grupo de fora, chegando a gerar-se alguns conflitos por alguns dos outros restantes espectadores terem lembrado que o Grupo da TEBE era barcelense e não um estrangeiro, merecendo, portanto, e como tal, o apoio e o incitamento de toda a massa assistencial.

Alguns assistentes, acompanhantes do grupo de Guimarães, retiraram admirados e indignados, pela forma como alguns espectadores se comportaram para com um grupo da sua terra.

Impossível conceber uma coisa destas, numa terra pequena como Barcelos, onde devia haver UNIDADE.

Os clubes não têm culpa do que se passa, mas é preciso educar a juventude assistente aos jogos, para que demonstre antes de mais, o seu bairrismo e depois, se possível, a educação.

Fazemos, portanto votos para que este estado de coisas se modifique, no sentido da unificação dos princípios desportivos e que os Clubes de Barcelos se unam para prestígio do desporto e o que é ainda mais importante, para que Barcelos não continue mal cotado na consideração dos forasteiros que nos visitam, acompanhando os seus atletas.

Todos são barcelenses, todos devem respeito a si próprios e como tal todos devem gritar bem alto o seu bairrismo: POR BARCELOS.

Jaime Ferreira

# Aqui é o Minho...

«A Camilo Castelo Branco»

MÊS DE DEZEMBRO, vésperas de Natal, o ano estava prestes a terminar. Época em que os lavradores têm mais descanso, depois de longos meses de trabalho, debaixo do sol asfixiante de verão. Altura em que os moços passam parte da noite pelos caminhos da aldeia, fazendo serenatas às namoradas. E elas, todas alegres, fiando nas suas rocas junto à lareira, aquecendo-se a um tronco que arde, o qual, outrora, com os seus largos ramos, cobertos de folhas verdes, talvez protegesse o caminhante do calor e os seus preciosos frutos lhe saciassem a fome, escutavam-nos com toda a satisfação.

Numa dessas noites, o José do Eiral, saiu de casa, principiando a percorrer alguns caminhos da sua velha aldeia.

A certa altura, parou em frente de uma janela que se conservava fechada, mas que reflectia nos vidros uma luz vinda de dentro. Era no quarto da filha do regedor. Chamava-se Maria do Céu.

Maria do Céu?... Este nome faz-me recordar, viver, sonhar... Tempos, tempos que já lá vão... Lembro-me das brincadeiras de criança na escola. Às vezes, encostado a um muro, contemplava as colegas nos seus jogos, nas suas canções, nas suas corridas. De vez em quando, era-lhe dirigido um madrigal infantil. Recebiam-no com palmas, com

## Tão pequenino, meu Deus!

*Tão pequenino, meu Deus!  
E tão grande no sofrer...  
mãos esguias, quais punhais,  
em luta p'ra não morrer...*

*Tão pequenino, meu Deus!  
De mãozitas penduradas,  
lembra um boneco movido  
por cordas descontraídas.*

*Cabelos soltos ao vento,  
assim dispersos, perdidos,  
lembram universos de dor  
a retalhar-me os sentidos.*

*E os pezitos, tão descalços,  
assim, na lama, a brincar...  
Têm um poder estranho  
de me fazerem pensar...*

*Com outros meninos brinca  
nos charcos da mesma rua...  
a casa dele não tem porta  
e o teto é só a lua...*

*É feliz... sempre feliz?  
Não acredito... SENHOR!  
Ele pensa e reza sozinho  
no meio da sua dor.*

Do livro «Rumos» de António Baptista

sorrisos; o amor das crianças. Cantavam canções jamais esquecidas... Escutava-as, debruçado nesse inesquecível muro, admirando aquelas vozes subtis.

Ao permanecer em frente da dita janela, os seus lábios desprenderam-se, soltando canções populares.

A feiticeira janela, abriu-se imediatamente. Uma voz doce, pura, parecendo de uma fada, veio corresponder a esses incitamentos amorosos.

Depois de longa conversa, soaram ao longe, umas badaladas compassadas e brandas. O que havia de ser?... Era o sino da aldeia, a dar sinal da meia noite. Despediram-se.

De manhã, ao despertar, o José do Eiral, sentiu novamente o sino a dar umas badaladas. Agora, eram fortes e produziam certa nostalgia ao ouvi-las.

Admirado, saiu para o caminho e perguntou:

— Quem morreu?...

Uma velhota que ali passava, disse-lhe:

— Foi a filha do regedor. Deu-lhe uma dor esta madrugada e Deus quis levá-la para o céu!

Com estas simples palavras saúdo Camilo, o querido amigo de todos nós, no meio desta gente sofredora e indomável, no seio dos humilhados e ofendidos, que retratou palavra por palavra, em toda a sua obra!

Daqui proclamo que a maior e mais alta homenagem que lhe posso prestar, é amar e sofrer como ele amou e sofreu!

Descreveu com brilho e esplendor o povo Minhoto, a gente que sofre, canta, convulsiona-se, ama, deseja, sonha e constrói o tempo à sua medida.

A princípio, Camilo, ainda com a imaginação repleta pelas visões da mocidade, passada nos mais interessantes e belos rincões de Trás-os-Montes, não apreciava o nosso Minho. Mas as belezas sem par desta Província, apagaram-lhe da mente aquelas visões da infância e passou a preferir toda esta inesquecível paisagem, para cenário da sua vida e da sua obra.

E depois de tanto escrever e de tanto sofrer, cego e exaustivo, findou-se para sempre.

Assim, chegou o término dum epílogo triste, de tão grande homem, com tão dolorosa vida!

Sidânia Ferreira

Outeiro — Viana do Castelo

# As malhas TEBE

continuam na vanguarda do bom gosto

# TEBE

é um nome na Indústria Nacional

Preferi-las é saber escolher

## I

O meu paizinho é um São Bernardo, e a minha mãezinha uma escocesa de pastor. Eu, naturalmente, nasci presbiteriana. Pelo menos assim mo disse a mamã, que eu não conheço estas distinções tão subtis. Para mim são simples palavras vazias de sentido.

Mas a minha mãe era muito dada a estas expressões caras. Gostava de as dizer e, sobretudo, gostava de ver a surpresa vincada nos focinhos dos outros cães, invejosos duma educação que eles, coitados, não tinham podido conseguir.

Na realidade não era uma cadela culta, apesar das aparências, mas era muito viva. Nada mais do que isso. Quando havia visitas escutava as conversas na sala e na casa de jantar. E, além disso, acompanhava os meninos ao catecismo, sem faltar um único domingo.

Repetia por isso todas as palavras estranhas que ouvia em casa e na igreja, e ao tê-las bem gravadas dizia-as aos outros cães, para seu desespero e admiração.

Ia a juntas caninas da vizinhança, certa que os seus frequentadores, desde o mastim ao fraldiqueiro, a admirariam. E isso compensava-a de todos os esforços.

Muitos cães desconfiados, quando a ouviam pela primeira vez, apenas se refaziam da surpresa inicial, perguntavam-lhe o que queria dizer a palavra que os deixava sem alento. Ela dava-lhes logo a definição exacta. É claro que os que faziam estas perguntas ficavam achatados, pois só tinham querido humilhá-la, e eles é que acabavam por ficar humilhados. Mas os cães amigos sentiam-se orgulhosos de ter uma cadela tão importante. Além disso já de antemão estavam preparados para todos os seus êxitos, pois conheciam-na perfeitamente e esperavam com gosto o resultado de todas as provas em que se metia.

O que sucedia é que nenhum cão se lembrava que a definição fosse incorrecta. A minha mãe falava como um dicionário aberto, e dizia as coisas tão depressa e tão à-vontade, que não podiam saber até que ponto eram inventadas. Falava impunemente num círculo sem cultura.

Lembro-me, por exemplo, que quando comecei a tornar-me crescida ela trouxe um dia para casa a palavra *inintellectual*, e que durante uma semana lançou o terror entre os cães chamando-lhes aquele palavrão por dá cá aquela palha.

Quando ia com ela notava que, em todas as reuniões caninas, a minha mãe tinha que falar dos intelectuais e que, inquirida sobre o assunto em oito diferentes lugares, dele deu oito diferentes definições.

Eu, é claro, não dizia nada, mas tive que tirar a conclusão

# História duma cadela

que a sua presença de espírito era maior que a cultura.

Havia então uma palavra que tinha para ela o mesmo valor que o salva-vidas para o navegante. Nos momentos de grande perigo lexicográfico fazia uso dessa palavra que recordei tão bem: *sinónimo*.

Muitas vezes, quando colhera no ar um termo qualquer rebar-

donos contavam alguma anedota com muita piada para eles, ouvia-lhes as explosões de alegria e, sem querer saber do motivo real que as causava, ao repetir a anedota não fazia senão ladrar, como já fizera na sala de jantar. Os cães ladravam também e repetiam as expressões de alegria que lhes eram tão estranhas como a ela. Mas teria incorrido

Por MARCK TWAIN

bativo, e já o vinha a dizer há muitos dias, mas se esquecia do sentido com que o usara pela primeira vez, se por azar um daqueles cães maliciosos lhe dirigia a pergunta fatal, eu, que estava no segredo, via-a vacilar um bocado; mas no mesmo momento se refazia e dizia, com a

em crime de mau gosto abstenendo-se de se rir duma piada de finura tão surpreendente.

Tudo isto vos dará uma ideia da frivolidade que constituía o fundo do seu carácter. Todavia não deixava de ter algumas qualidades, bastantes para compensar estes pecadilhos.



calma duma manhã de Verão:

— Isso é sinónimo de *super-erotemático*.

O desgraçado ficava aniquilado. E os conhecidos davam ao pescoço unânimemente olhando à volta com expressão duma felicidade inefável.

O que digo de palavras aplica-se do mesmo modo às frases.

Começava uma frase feita, daquelas que têm uma grande sonoridade, e repetia-a durante seis noites consecutivas. As explicações para ela variavam mais que a temperatura, mas isso era o menos, pois se tratava de cães que ignoravam o sentido das coisas, para quem a importância toda da frase estava na maneira como soava.

E nada a intimidava, pois tinha uma confiança completa na ignorância dos cães.

Quando os senhores e senhoras que comiam à mesa com os

Tinha bom coração e modos muito amáveis. Desconhecia o rancor, e esquecia com facilidade as ofensas que lhe dirigiam. Nós, os filhos, aprendemos com ela muitas coisas boas e, entre elas, a coragem ante o perigo e a abnegação, para pôr essa coragem ao serviço de quem necessitar, seja amigo ou estranho, sem olhar ao sacrifício.

O seu ensino não foi só oral. Predicava com o exemplo, que é a melhor maneira de o fazer, se se querem resultados bons e duradouros.

Quantos actos heróicos não cometeu ela!

Parecia um soldado na linha da frente.

E que modéstia, também, a sua! Era impossível não a admirar. Era impossível não a imitar. O fraldiqueiro mais tímido, ao lado daquela cadela extraordinária, convertia-se num leão.

Como vêem, valia mais pelos actos do que pela pretensa erudição.

## II

Quando cheguei ao meu desenvolvimento físico completo, fui vendida. Levaram-me para longe e nunca mais nos tornámos a ver.

Tanto ela como eu lamentámos a separação. Os nossos ladrados eram daqueles de cortar a alma. Eu tinha o coração a rebentar e ela também, mas sobrepondo-se à tremenda dor ainda foi capaz de me dar nobres conselhos. Disse-me que tínhamos sido mandados a este mundo para desempenhar uma missão elevada. Era preciso aceitar o dever sem protestar. Não cabenas nossas incumbências obter tais ou quais resultados. O que mais importa é cumprir o nosso dever e viver para os outros. Assim é a moral dos cães. Dizia que o ser humano consagrado ao bem alcança no outro mundo a recompensa plena. Se nós os animais não temos entrada nesse mundo, temos, em compensação, a satisfação de aceitar o dever pelo dever, pelo seu próprio valor, dando deste modo um alto valor e dignidade à nossa breve existência.

Tudo isto ela aprendera na doutrina, ao domingo, quando acompanhava os meninos. Os preceitos morais gravaram-se-lhe no coração mais firmemente ainda do que na memória as palavras e frases estrombóticas. Para seu bem e dos filhos tinha feito um estudo minucioso de todas as questões de ética. Isto é prova de que tinha mais força nela a prudência e a reflexão, que a vaidade e a futilidade.

Por fim tive que partir. Viamonos através dum véu de lágrimas. A mãezinha tinha guardado para mim uma última recomendação, talvez para que eu a fixasse melhor:

— Pensa em mim. Segue o meu exemplo. Quando vires alguém em perigo, salva-o sem querer saber do sacrifício, como eu faria no teu lugar.

Poderia eu jamais esquecer estas palavras solenes?

De modo nenhum.

## III

A casa para onde me levaram era encantadora. Tinha decorações muito artísticas, móveis riquíssimos, quadros e, sobretudo, uma atmosfera luminosa que enchia a alma de quem habitasse essa magnífica moradia de felicidade.

À volta tinha um jardim delicioso e um parque enorme, cuja verdura não tinha fim.

Que lindas flores! Que lindas árvores!

Eu parecia um membro da família. Todos gostavam de mim, todos me animavam. Levaram a delicadeza ao extremo de não me tirarem o nome que a mamã me pusera.

(Continua no próximo número)

# Terceiro



# Aniversário

# Companhia Industrial de Fibras Artificiais

S. A. R. L.

FÁBRICA:

SOBRADO - VALONGO

Telef. — SOBRADO 2

SEDE:

R. DO ALMADA, 262

Telef. 28083 — PORTO

PRODUTOR DAS

MARCAS REGISTRADAS



FIOS DE RAIONE VISCOSE  
BRILHANTE E MATE PARA  
TECELAGEM, MALHAS, MEIAS, ETC.  
EM QUALQUER APRESENTAÇÃO.



FIOS DE RAIONE VISCOSE TINTOS  
NA MASSA COM ABSOLUTA SOLI-  
DEZ DAS CORES.

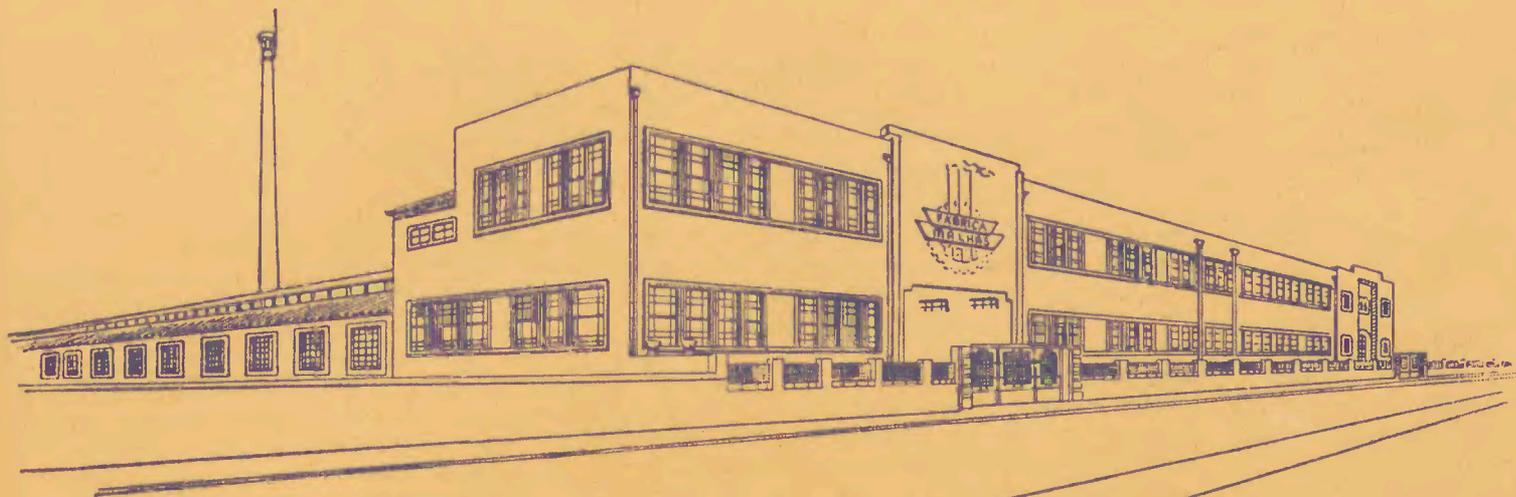


PELÍCULA CELOLÓSICA TRANS-  
PARENTE EM VÁRIAS ESPESSURAS.  
ROLOS E FOLHAS



FIBRAS ARTIFICIAIS CORTADAS  
BRILHANTES E MATE PARA TODOS  
OS FINS.

Saúda os seus Ex.<sup>mos</sup> Amigos e Clientes



# A Empresa Têxtil de Barcelos, L.<sup>da</sup>

Fábrica de Malhas «TEBE»

**HONRA A INDÚSTRIA NACIONAL, MERCÊ DO ALTO NÍVEL DOS SEUS CONCEITUADOS ARTIGOS**

Esta modelar unidade fabril tem um artigo para cada gosto, um corte para cada corpo, um padrão para cada exigência... Eis o grande virtuosismo das inconfundíveis malhas TEBE.

A senhora elegante exige malhas TEBE. A senhora distinta usa só malhas TEBE. A senhora que trabalha adora as malhas TEBE.

O homem de estado, o médico, o advogado, o engenheiro, o industrial, o comerciante, o estudante, o trabalhador, enfim, todos, procuram nas malhas TEBE, a distinção e o bom gosto aliados a um preço sem confronto.

Não é exagero dizer-se que, onde há um indivíduo, há malhas TEBE. Eis o valor substancial de uma das *melhores malhas do mundo...* as malhas TEBE.

**FÁBRICA DE MALHAS «TEBE» — BARCELOS-PORTUGAL**

Rua Cândido da Cunha

**BARCELOS**

Telefone 8313

ESCRITÓRIO CENTRAL:

Rua da Fábrica, N.º 21

**PORTO** — Telefone 24526

## FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE BARCELOS, L.<sup>DA</sup>

FABRICO DE:

**FIOS DE ALGODÃO CARDADOS E PENTEADOS**

**FIOS DE FIBRAS ARTIFICIAIS**

Para:—**Tecelagem, Malhas, Pesca e Passamanarias, etc.**

**Retorcedura**

**Tinturaria**

**Branqueação**

ESSE nome era muito estranho. Levada pelo temperamento literário a minha mãe tinha ido buscá-lo a uma balada antiga. Os senhores Gray, mais cultos do que ela, não puseram quaisquer objecções, pois até sabiam a balada de cor e gostavam muito dela.

A senhora Gray era uma senhora amável e delicada de trinta anos. Não podia imaginar a que ponto aquela mulher era delicada. A filha Sadie tinha dez anos e parecia uma miniatura da mãe. Usava duas trancinhas que lhe caíam pelas costas abaixo e a saía por cima do joelho. Havia também um bebé de onze meses, rechonchudo, com a cara cheia de covinhas, que era um doidinho por mim. Não parava de se agarrar à minha cauda, de me apertar contra o peito, e de rir com uma gracinha inocente.

O dono da casa, o senhor Gray, tinha trinta e oito anos. Era um senhor alto, delgado, com bom aspecto, com a testa alta e uma calvice que começava a pronunciar-se. De movimentos rápidos, génio vivo, decidido, isento de sentimentalismo, tinha um perfil cinzelado e um rosto que irradiava ondas invisíveis de inteligência.

Era um sábio de grande nome. Não sei o que significa esta palavra com a qual minha mãe teria alcançado um êxito formidável entre os outros cães. Um cão salteador teria tremido ao ouvir aquela palavra; um fraldiqueiro teria sentido como que o anúncio do inimigo. Mas havia lá em casa uma coisa cujo nome só por si teria constituído um grande capital, no meio do já grande vocabulário que ela tinha. De facto que não teria ela se lhe tivesse ensinado a dizer «laboratório»!

O laboratório não era um livrinho, nem quadro, nem bacia para lavar as mãos, como nos dizia o cão do reitor da Universidade. O laboratório parece que era sala cheia de vidros, frascos, fios e tubos, máquinas e fornos. Todas as semanas ali iam outros sábios discutir, e fazer o que eles chamavam experiências e descobertas.

Eu também entrava, dava voltas por toda a parte, e escutava para ver se aprendia alguma coisa. Fazia isto para agradar à memória de minha mãe, coitada, com a dor a retalhar-me o coração, lembrando-me do que não teria sido para ela uma escola daquelas, que para mim de nada servia. Por mais que me esforçasse, nada conseguia aprender naquelas reuniões. Preferia por isso deixar-me ficar no quarto de estar a dormir em cima do tapete.

A senhora Gray apoiava os pés no meu corpo, e bem sabia quanto isto me agradava, pois era para mim como que uma carícia. Às vezes passava o dia com os meninos e sofria muitas tropelias que só me divertiam. Se o mais pequenino ficava sozinho no ber-

# História duma cadela

(Continuação do número anterior)

ço, porque a ama tinha que sair uns minutos, para lavar o bibeirão, ou por qualquer outro motivo, ali ficava eu de guarda, sem tirar os olhos do inocentinho que dormia.

Em certas ocasiões saía com Sadie, e ambas corríamos pelos prados fora, até ficarmos completamente exaustas de fadiga.

O que eu me sentia orgulhosa quando a senhora Gray e Sadie faziam festinhas ao anjinho, quando comentavam as suas gracinhas e elogiavam as travessuras. Poderia haver uma felicidade tão grande como a minha?

Chegou o Inverno. Um dia estava eu de guarda no quarto do bebé. Ou, falando com mais

Por **MARCK TWAIN**

Estendíamo-nos então à sombra duma árvore e eu dormitava enquanto ela lia.

Havia na vizinhança cães muito sociáveis e bem educados. Costumava fazer-lhes visitas, agradando-me sobretudo a companhia dum tal Pitirrox, irlandês de pêlo encaracolado, muito

precisão, dormitava na cama. O berço, colocado junto desta, recebia a influência do calor da chaminé ali mesmo ao pé. Viase perfeitamente a carinha do menino através das gases leves do cortinado do berço. A ama tinha saído.

De repente saltou uma faúlha



simpático, presbiteriano como eu, pois pertencia ao ministro deste culto.

Lá em casa até os criados gostavam imenso de mim. A minha vida não podia ser mais feliz do que era. Podia incluir-me no número dos cães idealmente felizes. A minha gratidão não tinha limites. Digo isto convencida que é uma verdade primária e irrefutável. Praticava o bem e honrava a justiça. Com isto honrava a memória de minha mãe, e seguia-lhe os conselhos. Se não era a autora da própria felicidade, procurava pelo menos merecê-la.

Devo dizer que o bebé da casa enchia até ao cimo a taça da minha felicidade. Que amor de criaturinha! Era macio como a seda, tinha umas mãozinhas que faziam as maroteiras mais inesperadas e encantadoras, uns olhinhos amorosos e uma carinha de querubim.

que caiu no cortinado do berço.

Julgo que passaram alguns minutos. A criancinha soltou um grito. Eu, que tinha justamente acabado de adormecer, acordei ao ouvir aquele grito e os meus olhos deram com uma chama enorme. Todo o cortinado estava a arder!

Saltei da cama e, espavorida, procurei a porta; mas as últimas palavras da minha mãe ressoaram-me aos ouvidos imperiosamente, e de um salto voltei para a cama. Finquei as patas com firmeza, meti a cabeça pela coluna de fogo, e, agarrando com os dentes pela camisolinha, puxei com tanta força que ambos fomos parar ao chão, envoltos em nuvens de fumo. Voltei a agarrar a roupa do menino que chorava em altos gritos, e levei-o arrastado para o vestibulo.

Estava feliz, orgulhosa, nada me detinha.

Já tinha dado a volta à galeria,

quando ouvi a voz do senhor, que chamava, coléricamente:

— Onde vais ó cadela maldita! Ainda dei um salto para me pôr a salvo mas ele, mais rápido do que eu, correu atrás de mim e deu-me uma quantidade de bengaladas. De aterrorizada que me achava nem sequer conseguia livrar-me do ataque, e apañhei uma pancada terrível na mão esquerda. Dei um ganido e caí redondamente. A bengala já se levantava para dar o golpe mortal, mas não se descartou sobre mim. Naquele momento a ama começou a gritar: — Está a arder o quarto da cama.

O senhor saiu dali a correr, e assim se salvaram os ossos que ainda me restavam. Mas sentia uma dor horrível. Mas que importa!

Coxeando, corri a três patas e num instante cheguei ao fim da galeria. Ali começava uma escadinha escura que levava ao sótão, onde se guardavam coisas velhas, e onde poucas vezes ia gente, por esse mesmo motivo.

Subi o melhor que pude os degraus, entrei naquele lugar sombrio e busquei às apalpadelas um esconderijo no canto mais distante. Ali nada tinha a temer. Mas apesar disso não podia deixar de tremer da ponta da cauda até à cabeça. O meu terror era tal que pude sustentar os ganidos de dor. Noutra caso qualquer tê-los-ia soltado, pois, como sabem, são um bom calmante para as dores mais agudas.

À falta de melhor comecei a lambear a pata ferida e senti algum alívio.

Durante meia hora reinou a confusão lá por baixo. Só ouvia ruído de vozes e de passos; depois tudo voltou a mergulhar no silêncio.

O meu espírito entregava-se ao deleite daquela calma e o terror diminuía. O medo, bem sabe, é mais forte que a dor física.

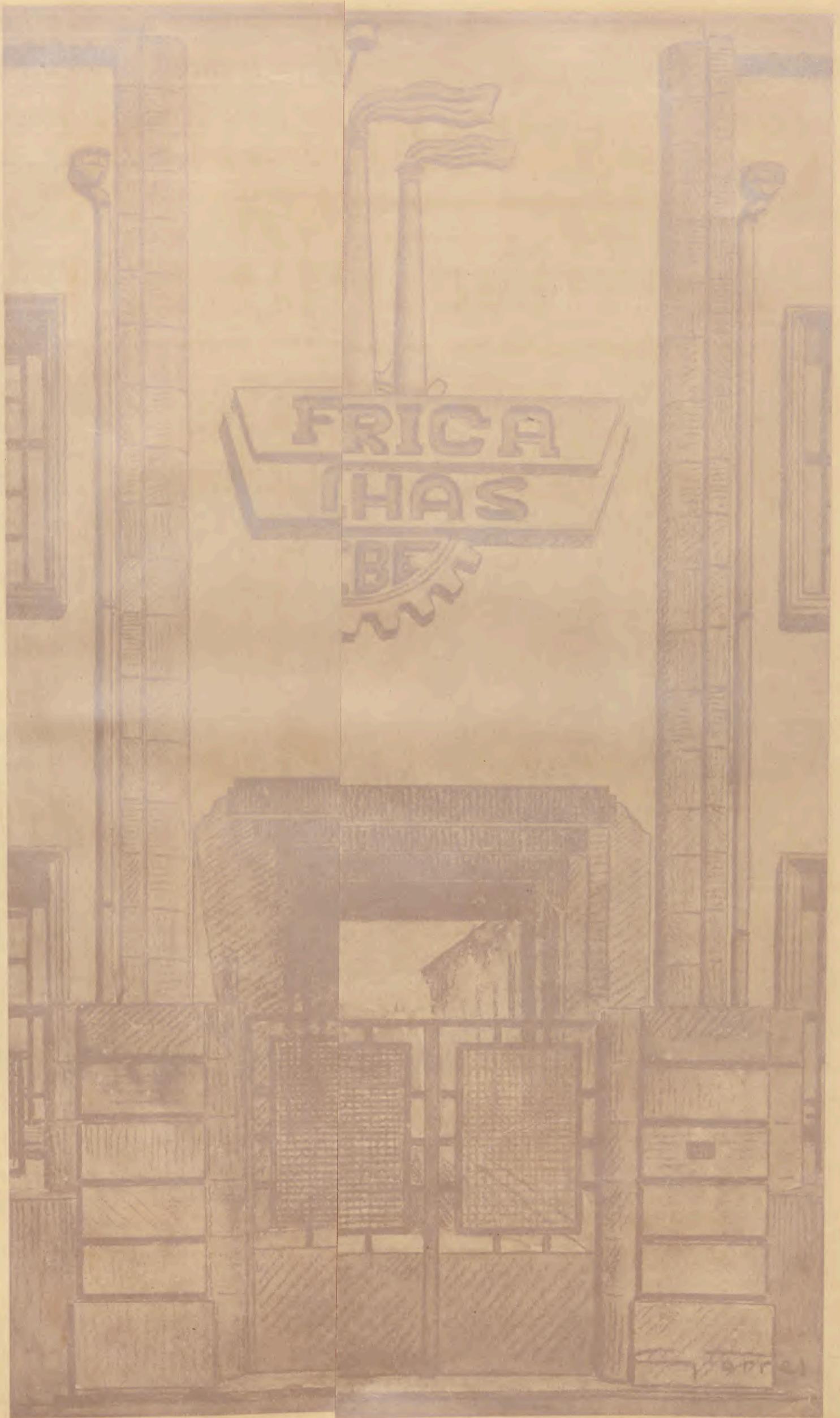
Subitamente gelou-se-me o sangue. Tinha ouvido uma voz alarmante que me chamava. Não havia dúvida!

Jamais ouvi palavra que tanto me aterrorizasse como o meu nome dito naquela ocasião. A distância amortecia o som, mas nem por isso o meu espanto era menor.

Em todos os andares, em todas as divisões, do sótão, do vestibulo, dos corredores, do terraço, chegavam as vozes que chamavam por mim. Depois afastaram-se, e ouvi-as cada vez mais longe. Vinham com certeza do parque. Mas, passados uns poucos momentos, as vozes aproximaram-se de novo. Soavam outra vez dentro de casa. Julguei que o movimento à minha procura nunca mais acabaria. Mas por fim sempre acabou, quando já a penumbra do sótão se tinha transformado em trevas escuríssimas.

(Continua no próximo número)

nhor  
e:  
dita  
e por  
do da  
nim e  
ben-  
qua  
onse-  
apa-  
el na  
anido  
ngala  
o gol-  
carre-  
mor-  
gritar  
to da  
  
rer, e  
s que  
sentia  
e im-  
  
patas  
o fim  
a um  
va au  
coisas  
zes in  
otiva-  
de os  
lugar  
pade-  
canto  
nha  
o não  
ponta  
o me-  
suster  
o caso  
pois  
n cal-  
gudas  
ceci  
algum  
  
nou  
só ou  
assos  
gulha  
  
ava-se  
o ter-  
em sa-  
a dot  
  
-me e  
a vou  
a. Não  
  
tanto  
o me-  
asão.  
som-  
espan-  
  
em to-  
o ves-  
terra-  
e cha-  
s afas-  
z mais  
eza do  
s cur-  
proxi-  
m ou-  
ulguei  
a pro-  
Mas  
quan-  
tão se  
trevas  
  
número)



## A indústria portuguesa e o seu desenvolvimento.

### Actualização de processos na indústria de malhas.

### Barcelos, centro da mais progressiva indústria de malhas interiores e exteriores

QUEM se tiver dado ao trabalho de compilar elementos para uma estatística ou quem gostar de acompanhar a evolução das coisas do nosso País, terá forçosamente de ter averbado e até largamente comentado o que tem sido o desenvolvimento da indústria, genericamente falando, em Portugal. Sectores existem, cujo progresso tem sido tão grande, que ainda para muitos não é possível conceber como o nosso âmbito pode chegar até à exportação. Pois, todos sabem que é uma realidade o desenvolvimento da indústria portuguesa, nomeadamente nos sectores em cuja prática os nossos operários mais se adaptam — metalurgia — têxtil — fiação — sapataria — curtumes — etc., etc. . . .

No ramo têxtil, pode Portugal orgulhar-se de estar actualmente apetrechado com o que de mais moderno se fabrica mundialmente, tanto em maquinaria, como em fibras e processos de trabalho. Estes processos têm, quanto a nós um papel importante no desenvolvimento da indústria portuguesa, especialmente na têxtil.



Ex.º Sr. Mário Campos Henriques

Os nossos operários e técnicos possuem um elevado poder inventivo; não param de «descobrir» novos processos de trabalho, novos padrões, novos artigos para deleite dos consumidores portugueses e até dos estrangeiros.

Mas, falamos de progresso e desenvolvimento industrial e temos de dizer das razões desse aumento de produção, característico do nosso meio industrial.

Além da protecção do Governo que ao condicionamento industrial tem dado grandes possibilidades, não só alargando limites de estabelecimento das indús-

trias em laboração, mas também subsidiando outras, facilitando a montagem de novas fábricas e protegendo a entrada de maquinismos modernos, temos de elevar bem alto o interesse dos nossos industriais em apresentar no mercado interno e até no externo, produtos de elevada qualidade. Para isso, tiveram de actualizar o apetrechamento das suas fábricas, adquirindo o que de mais moderno sai das grandes empresas metalúrgicas estrangeiras. Os técnicos portugueses visitam as Feiras Industriais europeias, e verificam o que melhor se adapta as exigências do seu fabrico e os industriais não se poupam a esforços para que a sua indústria possa competir com a similar estrangeira, constatando-se, portanto, um alto nível dos nossos produtos.

Desde a fiação, a tecelagem e desde a tinturaria, branqueação e acabamento de tecidos, os produtos portugueses, alinham hoje no mesmo plano de bela apresentação e óptima qualidade com o melhor que se fabrica no estrangeiro.

Na indústria de malhas, esse desenvolvimento tem sido especialmente notável. Os produtos portugueses, são já mundialmente conhecidos, mercê da actualização de processos de trabalho, escrupulo e perfeição de fabrico e qualidade insuperável dos artigos nacionais.

Para isso muito tem contribuído a necessidade de se evitar a entrada de artigos estrangeiros, o que obriga, portanto, os nossos industriais a actualizarem os seus processos de trabalho, apresentando artigos que o consumidor prefere por todos os motivos e mais um: é nacional.

Hoje, nacional é bom, pode ser adquirido sem receio, visto ser sobejamente conhecida a perfeição, esmero de qualidade e durabilidade, sem os inconvenientes de queda de malhas, desgaste à lavagem, defeitos de tinto, etc., etc.

Ora, Barcelos, tem dentro dos seus muros, uma das mais importantes, senão a mais importante unidade fabril, dedicada exclusivamente ao fabrico de malhas.

A marca «TEBE», patentada pela Empresa Têxtil de Barcelos, Lda., é mundialmente conhecida.

Rara é a semana em que esta Empresa não recebe, pelo menos uma carta estrangeira, pedindo a agência ou representação. E, diga-se de passagem, de países cuja indústria está actualizadíssima na confecção e apresentação dos produtos similares.

A França, a Holanda, a Suécia, a Bélgica, o Congo Belga, Madagáscar, a Índia, a Inglaterra, a Espanha e até os Estados Unidos, têm interessados na agência da Fábrica **TEBE**.

Isso diz bem da expansão que os seus produtos tem conseguido obter além fronteiras.

Foi-nos clado o prazer de visitar demoradamente este moderníssimo estabelecimento fabril e dessa visita, além de colhermos uma magnífica impressão, ficou-nos a certeza de que Portugal pode orgulhar-se de apresentar dentro do seu território uma fábrica de malhas que rivaliza, sem favor, com qualquer das mais importantes empresas do mundo.

Dessa visita recolhemos alguns elementos que nos propomos divulgar aos nossos leitores, a fim de poderem fazer uma ideia da grandiosidade desta colmeia de trabalhadores, pois desde o seu gerente principal ao simples praticante, todos, indiscutivelmente, todos contribuem para uma maior expansão do que é hoje um enorme factor da industrialização portuguesa.

Devemos dizer desde já que, tendo uma considerável produção, números que divulgaremos mais adiante, não foi ainda possível atender os pedidos de representação das nossas províncias ultramarinas.

Todos os dias a Gerência da **TEBE** recebe cartas com esta solicitação, mas a verdade é que a sua produção não chega para o consumo da Metrópole e de meia dúzia de clientes de Angola e de Moçambique que adquirem aqui os seus artigos.

E entramos assim na visita propriamente dita.

A fábrica **TEBE** ocupa actualmente uma área de 14.000 metros quadrados com todas as suas instalações cobertas.

Verifica-se, no entanto, que dada a sua progressiva industrialização, quer dizer, a ânsia de acompanhar o progresso e ainda para satisfazer as encomendas que todos os dias chovem nos seus escritórios, é já insuficiente a área coberta e a gerência está já a proceder à construção de novos pavilhões para ampliação das suas instalações fabris.

Trabalham actualmente 1.100 operários na Fábrica **TEBE**. E os pedidos continuam a entrar para a admissão de mais homens e mulheres. As fichas lá vão para o «dossier» respectivo, aguardando que as necessidades obriguem a consultar quem está mais habilitado para as vagas que se vão abrindo.

Nos escritórios, além do Gerente principal, o cérebro desta maravilhosa organização, o Homem que tudo prevê, tudo vê e tudo quer ver, o criador, animador e impulsionador desta obra gigantesca,



## Aspecto da saída do pessoal da Fábrica **TEBE**

Com a mão de obra deste aglomerado fabricam-se os maravilhosos artigos **TEBE**, símbolo do alto nível do valor da Indústria Nacional

**TEBE!** Um nome orgulhoso na vanguarda da técnica moderna  
**TEBE!** Padrão valoroso na economia nacional  
**TEBE!** Símbolo qualificativo das melhores malhas nacionais  
**TEBE!** Quatro letras ao serviço de Portugal Continental, Insular e Ultramarino

Mário de Campos Henriques, vontade firme e inalterável, carácter íntegro, visão funda e aberta a todas as possibilidades da sua indústria, trabalha ainda outro Gerente, Luis Fernandes Pinheiro, contabilista profundo para quem os números e as contas não têm segredos, orientador seguro e firme da marcha dos negócios da **TEBE**. Muito tem feito e o seu concurso tem influído poderosamente na marcha progressiva da Empresa. A gerência compreende ainda outros consócios, nomeadamente os Snrs. Eng. Francisco José Torres, António Nunes Hall — Gerente dos escritórios no Porto e Cândido Gonçalves Pereira.

Ao dinamismo destes obreiros, aliada à competência e dedicação de muitos — algumas dezenas — de outros colaboradores, se deve a firmeza de princípios, apanágio das grandes Empresas e base do trabalho da Fábrica **TEBE**.

Atravessados os escritórios, entramos imediatamente no grande armazém de expedições. Enorme salão onde em estantes alinhadas ao longo das suas paredes e em cima de enormes mesas, são arrumadas as múltiplas referências que chegam constantemente, despejadas de um largo monta-cargas da secção de acabamento. Depois de separadas convenientemente são «cantados» os pedidos a executar, novamente separada e imediatamente debitada a mercadoria a expedir. A embalagem é cuidadosamente feita e depois de rotulados os pacotes são alinhados na entrada, onde os camions os vêm carregar para serem entregues em casa do cliente.

Não se faz uma ideia da ligeireza e destreza desta secção...

Mas, estávamos ansiosos por ver onde eram feitas todas as maravilhas que vimos tão bem embaladas, em caixas simples mas atraentes de vários tamanhos e feitios. E a nossa curiosidade foi satisfeita.

Saímos para o exterior e ao longo de um largo passeio, encontramos várias portas donde saía vapor. Porém, uma mais larga, foi-nos indicada para entrar.

Inúmeras e complexas máquinas destinadas aos mais variados fins e das mais variadas origens, estavam em movimento.

À direita, bobinadores de varios tipos, dobam o fio de algodão para alimentar as tecedeiras; ao centro e até ao fundo máquinas circulares de diferentes tamanhos, tipos e procedências, trabalham cadenciadamente, vigiadas por operários atentos ao mais pequenino pormenor não habitual.

Aqui se fabricam todos os tipos de malha, que se destinam ao acabamento, instalado no primeiro piso do corpo principal da fábrica virado para a Rua Cândido da Cunha.

Saímos e voltamos a notar o vapor que se evoluiu do salão paralelo ao das máquinas. Era a tinturaria. Cá fora fazia calor, mas lá dentro... nem se fala; porém os operários, quase tudo homens, estão habituados e não o sentem; calçando enormes tamancos de couro grosso, remexem longas peças de varios tipos de tecido — algodão, «nylon», seda, ou então de soquetes, peúgas, meias de seda e de «nylon» — dentro de enormes «barcas» de madeira e de aço inoxidável, ou mudam de um lado para outro, enfiadas de algodão em meadas, enche enormes hidro-extractores a fim de ser retirada toda a humidade das peças que acabaram de sair das barcas de lavagem, etc. Os processos de tinto são dos mais modernos e eficientes, garantidos pelas mais consagradas casas da especialidade, pois os produtos que a **TEBE** consome, são dos melhores que se fabricam no estrangeiro.

E assim, tanto a branqueação como a tinturaria estão apetrechadas com os maquinismos mais modernos, com estufas de secagem de tecidos em peça e de fios. Depois de centrifugadas as peças de malha seguem com destino às calandras para acabamento. Passamos pela casa da caldeira, um enorme mastodonte, donde parte o vapor para toda esta enorme organização. Impecável de limpeza ocupa uma área enorme e tem dois acessos, um no piso normal e outro abaixo, como que um subsolo. Esta caldeira aquece uma área com mais de cento e cinquenta metros quadrados. Seguimos para um enorme pavilhão, inaugurado há muito poucos meses. Tudo ali é novo desde as máquinas aos mobiliários verificando-se todo o conforto e asseio, a mais notável disciplina e ordem.

À entrada a secção de acabamento de artigos de seda — roupas interiores para senhora. Cortam-se mensalmente mais de cinco toneladas de seda em moldes apropriados, de enormes rolos de tecido de várias cores.

Depois são as máquinas eléctricas de coser e cortar que completam esta excelente secção, cuja produção é enorme em relação ao que nos é dado conhecer. A colecção de artigos desta secção é simplesmente assombrosa, riquíssima pelo gosto da apresentação: parures, camisas de noite, combinações, em nylon e em seda, com aplicações de rendas finíssimas, muitas das quais fabrico da própria organização e de «quipures» de efeitos admiráveis.



Ex.º Sr. Luís F. Pinheiro

